UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

FSL0526 | ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

TEXTO TEÓRICO

Explorando Aprendizados em Sociologia no Ensino Médio

Produção do Conhecimento em Ciências Sociais

Henrique **Hernandes**
Pedro **Borda**

São Paulo, 2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

FSL0526 | ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Texto Teórico Final

Henrique Assi Hernandez (11250772)
Pedro Borda (11250661)

São Paulo, 2023

Preâmbulo

Neste texto teórico apresentamos um caminho de compreensão e aproveitamento do repertório didático “Explorando Aprendizados de Sociologia no Ensino Médio: Produção do Conhecimento em Ciências Sociais”. Com isso em mente, objetivamos delinear recursos teóricos, metodológicos e reflexivos que permitam a construção de discussões proveitosas a respeito das temáticas de Produção do Conhecimento em Ciências Sociais; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Ciência e Senso Comum; trajetórias de vida de cientistas sociais brasileiros/as e seus conceitos. Mais do que isso, queremos convidar docentes e discentes que entrem em contato com o material aqui proposto para que se permitam explorar os vastos campos de estudos da filosofia, da epistemologia, da metodologia e da institucionalização das Ciências Sociais, que se relacionam entre si e que compõem o horizonte da produção do conhecimento. Tal como o repertório didático, que está dividido em módulos, também este texto está dividido em módulos, a saber: Módulo 1) do senso comum ao método científico: por que as ciências sociais têm coisas relevantes a dizer?; Módulo 2) a pesquisa (social) nas ciências sociais: abordagens qualitativas e quantitativas; Módulo 3) produzir conhecimento em ciências sociais como trajetória de vida: discutindo trajetórias de cientistas sociais brasileiros/os. Interessa perceber como que essa organização modular traça um caminho lógico na discussão da produção do conhecimento, ao passo em que inicia com questões de caráter mais basilar, progride para a dimensão da prática da pesquisa em ciências sociais – enfocando métodos e técnicas de pesquisa –, e finaliza discutindo como essas questões se manifestam real e contemporaneamente na vida de célebres cientistas sociais brasileiros/as.

Aprofundamentos teóricos do Módulo 1

No módulo 1, realizamos uma discussão a respeito das bases da produção do conhecimento em ciências sociais a partir de referências como Mills (1982), Weber (2001), Durkheim (2007) e Latour (2000). Passemos a isso.

Uma das principais questões que atravessa todo o trabalho sociológico é *pensar criticamente* aquilo que chamamos de “senso comum” – trata-se de estranhar, questionar, desnaturalizar, desencantar e, também, em certa medida, desconstruir concepções, preconceitos, representações, hábitos e, em suma, construções sociais. De toda forma, isso só é realizável a partir de uma dedicação incessante ao que os sociólogos chamam de **“métodos e técnicas de pesquisa”**. Sendo o objetivo desse material uma breve incursão sobre esses aspectos da sociologia, esperamos ser capazes de auxiliar na compreensão da instância específica a partir da qual os conceitos sociológicos são produzidos e enunciados.

Um conceito inicial que vai nos guiar nessa jornada é a ideia de **“imaginação sociológica”**, desenvolvida pelo sociólogo Charles Wright Mills (1916-1962). Segundo ele, a sociedade não é uma produção desconexa, que surge do acaso. A tarefa sociológica seria, desse modo, justamente conectar os indivíduos à sociedade da qual fazem parte, traçando as relações que estabelecem entre si. Trata-se de relacionar as biografias individuais com uma história mais geral da sociedade, a partir de um distanciamento metodológico:

Aquilo que experimentamos em vários e específicos ambientes de pequena escala, já o observei, é com frequência causado pelas modificações estruturais. Assim, para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos necessidade de olhar além deles. E o número e variedade dessas modificações estruturais aumentam à medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais gerais e mais complicadamente ligadas entre si. Ter consciência da ideia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. **Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica** (MILLS, 1982, p. 17, grifos nossos).

Wright Mills elabora uma distinção muito importante entre as perturbações pessoais e as questões mais públicas da estrutura social. De acordo com ele, as “perturbações” dizem respeito às inquietações que assolam o indivíduo imediatamente em suas relações, de tal modo que a trajetória biográfica de cada pesquisador se relaciona de maneiras complexas com os temas que serão desenvolvidos. Veremos um pouco disso no Módulo 3, quando discutirmos as trajetórias de alguns grandes nomes das ciências sociais. Enquanto isso, as questões das quais falávamos, para Wright Mills, tem

relação com assuntos mais amplos, que fogem ao alcance da vida íntima do indivíduo. Assim, essas questões se interpenetram e se confundiriam com vários ambientes de pequena escala, formando uma estrutura mais ampla da vida histórica e social. Justamente a percepção e a habilidade de conectar as ligações entre problemas mais localizados, de menor escala, individuais (em alguma medida) aos alicerces de uma estrutura social mais ampla é, para o autor, possuir a imaginação sociológica.

Formular sistematicamente as inquietações e indiferenças que nos aflige permite agir com razão sobre tais problemas. Quando isso não é feito, resta apenas uma inquietação vaga e disforme sobre a qual apenas um sentimento de desânimo pode incidir e aí não estamos diante de um problema verdadeiramente científico ou de ciências sociais: "Muita inquietação pessoal deixa de encontrar formulação; e muito mal-estar público e decisões de enorme relevância estrutural jamais chegam a constituir-se em questões públicas" (Idem, p. 18). Podemos definir, a partir de Wright Mills, portanto, que a principal tarefa, tanto intelectual, quanto política, do cientista social é justamente clarificar esses elementos da inquietação e da indiferença.

Mas a "imaginação sociológica" não se restringe ao mero ofício do sociólogo. Enquanto instância, ou melhor, qualidade mental específica, ela se configura em uma sensibilidade muito particular de se conceber problemas científicos que se ramifica por diferentes áreas do conhecimento. Até mesmo os indivíduos de uma comunidade cultural podem apreender essa imaginação, ainda que de forma mais lenta e hesitante.

À medida que as imagens da 'natureza humana' se tornam mais problemáticas, experimenta-se uma crescente necessidade de dedicar uma atenção mais cuidadosa, e ao mesmo tempo mais imaginativa, às rotinas e catástrofes sociais que revelam (e condicionam) a natureza do homem nesta época de intranquilidade civil e conflito ideológico (Idem, p 22).

Para utilizar a imaginação sociológica de maneira adequada, é preciso delinear formas de controle dos nossos temas de estudo, para que ele não fuja de nós e se transforme novamente em senso comum. Isso só é realizável através de uma opção metodológica bem formulada e justificada pelo pesquisador. Existem alguns métodos específicos que pretendemos cobrir nesse material que nos ajudará a definir melhor esses

procedimentos de pesquisa que transformam a simples “construção social” em “**construto sociológico**”, em algo analisável, ou seja, em conceitos.

Essa oposição entre o senso comum e o conhecimento sociológico remonta aos primórdios da sociologia. Max Weber, por exemplo, seria um dos grandes defensores da sociologia enquanto instância científica de produção de conhecimento sobre o mundo social. Segundo ele, é plenamente possível produzir um saber cientificamente relevante sobre a sociedade, no entanto, o sociólogo deveria estar constantemente atento às intrusões do senso comum na sua elaboração teórica. Para seguir essa tarefa, Weber sugere que o pesquisador assuma uma “neutralidade axiológica”, ou seja, que ele deixe de lado seus juízos de valor na elaboração de uma pesquisa científica (WEBER, 2001). Assim, são os métodos e técnicas de pesquisa – os quais discutiremos com maior concretude no módulo seguinte – que possibilitam isso.

Quando se pensa nos métodos e técnicas de pesquisa possíveis para se aproximar de um objeto de pesquisa, é importante reiterar que não existe um guia universal de etapas a serem seguidas para um estudo sociológico. Diante da infinidade de estratégias possíveis, é tarefa do pesquisador traçar a melhor abordagem, o que significa que nem sempre ele estará recluso no domínio propriamente sociológico. Por isso, afirmamos que a especificidade de uma pesquisa científica é algo que está sujeito a constantes disputas: não existe uma definição absoluta do que é uma técnica exclusivamente sociológica de estudo, do que é exclusivamente da História, ou da Geografia ou até mesmo da Economia. É interessante observar como as pesquisas, sobretudo nas chamadas “ciências humanas”, se constituem em um intenso intercâmbio de ideias, temas e métodos de pesquisa. Assim, é plenamente possível encontrar economistas falando em “classes sociais”, “sociedade”, “estrutura social”, tal qual um sociólogo falando em “capitalismo”, “dinheiro”, “mercado” e etc. Aliás, uma pesquisa é tanto mais completa quanto mais consciente ela esteja da sua posição dentro dessas disputas que acontecem.

Existem algumas definições possíveis para caracterizar uma pesquisa enquanto *sociológica*, mas isso não impede que essas definições sejam objeto de discussão e

reflexão a propósito da sua adequabilidade e é precisamente esse o ponto que tentamos indicar com nosso adendo inicial. Em resumo, podemos indicar alguns métodos mais próximos de uma "pesquisa sociológica", porém, do mesmo modo que essa definição sofreu transformações no passado, ela continua se transformando e isso faz parte da própria reflexão da sociologia.

Diferentes autores caracterizam de maneiras diferentes o objetivo e o objeto de estudo sociológico, o que faz com que os sociólogos tenham que recorrer a métodos específicos de pesquisa de acordo com o pressuposto teórico mobilizado. Ou seja, temos uma relação importante entre *teoria* e *pesquisa*, a partir da qual o pano de fundo teórico deve ser articulado com o método escolhido para pesquisar o problema.

Quando pensamos na fundação da Sociologia, é quase que impossível não repassar as ideias de três autores fundamentais: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. O que une esses pensadores em torno dessa narrativa de fundação é o fato de que eles foram responsáveis, cada qual a sua maneira, por fornecer elementos centrais para o desenvolvimento de caminhos metodológicos e teóricos de interpretação do "fenômeno social", da Sociedade.

Émile Durkheim, dentre os três, foi o primeiro a efetivamente propor uma ciência do social, no final do século XIX. Suas contribuições para a sociologia são inestimáveis e, apesar das críticas, passados mais de 100 anos desde a sua morte, ainda retornamos às suas obras. Dentre as formulações principais do sociólogo francês, está a conceitualização do que ele chamou de "fato social". Segundo ele, a sociedade seria passível de uma investigação científica da mesma ordem de legitimidade das outras ciências, como a biologia, ou a química. Para tanto, porém, era imprescindível o desenvolvimento de certas regras para o método sociológico, para que a sociologia não se transformasse em uma simples repetição de pré-concepções, preconceitos.

Dentre os princípios fundamentais do método sociológico durkheimiano está o tratamento dos fatos sociais como "coisas", o que significa que o sociólogo deve adotar uma postura semelhante à dos demais cientistas. Assim, tanto quanto um químico diante

de suas incursões sobre os elementos e reações, o sociólogo também deve abraçar a imprevisibilidade e o desconhecimento que se impõem a ele, durante seu trabalho.

Mas, quando se trata de fatos propriamente ditos, eles são para nós, no momento em que empreendemos fazer-lhes a ciência, necessariamente coisas ignoradas, pois as representações que fizemos eventualmente deles ao longo da vida, tendo sido feitas sem método e sem crítica, são desprovidas de valor científico e devem ser deixadas de lado (DURKHEIM, 2007, p. 18)

Nesse sentido, Durkheim fala na sociologia como esse estudo dos "fatos sociais", cujas características seriam a **exterioridade**, a **coercividade** e a **generalidade**. Em síntese, o que permite a identificação de um determinado fenômeno enquanto fato social e, portanto, passível da investigação sociológica é a independência que ele apresenta em relação aos indivíduos, além de um certo caráter coercitivo, no sentido de que os fatos sociais se impõem relativamente aquém da vontade das pessoas. Também é preciso que eles sejam generalizados, em alguma medida, por toda a sociedade, confirmando a sua generalidade.

É importante observar aqui como Durkheim elabora, a partir de uma visão particular do que constitui o objeto de estudo da sociologia e sua formulação teórica sobre os fatos sociais, as **regras do método sociológico**. Ou seja, o caminho que se segue é o de conectar essas duas faces da pesquisa: teoria e método. Retomando nossa analogia gastronômica, seria quase impossível cozinhar sem que se soubesse de antemão o que exatamente se pretende cozinhar. Depois, uma vez estabelecido o seu objetivo culinário, torna-se possível escolher a melhor receita, o melhor método, para produzir a comida desejada. Com a pesquisa sociológica, conforme pudemos observar em Durkheim, ocorre um processo parecido.

Uma pessoa sem qualquer tipo de treinamento em pesquisa sociológica, portanto, é capaz de dizer coisas sobre a sociedade, pensar criticamente uma série de fatos sociais. No entanto, esse pensamento só vai até certo ponto. Não que a investigação propriamente sociológica seja infinitamente criativa, mas ela dispõe de um rigor que permite avançar com maior profundidade os fenômenos sociais. Observemos, por

exemplo, o gênero musical "rap": nele, é possível encontrar diversas questões sociologicamente relevantes, ainda que restritas à liberdade poético-musical das convenções do gênero. Mesmo assim, encontramos aí uma série de formulações potentes e críticas a propósito de diferentes fatos sociais.

É comum encontrarmos, portanto, canções de rap que reflitam criticamente sobre a sociedade, abordando temas como violência urbana, desigualdade econômica, gênero, racismo e tantos outros. Eles podem trazer à tona experiências pessoais e coletivas, oferecendo uma interpretação sociológica espontânea dos fatos sociais. No entanto, sem método, não é possível chamar essas produções culturais de sociologia. Podemos dizer, quando muito, que o rap oferece um ponto de partida para a pesquisa sociológica, ao indicar hipóteses que devem ser verificadas a partir das técnicas típicas e sistemáticas de pesquisa sociológica. Mas, enquanto a pesquisa sociológica busca o rigor metodológico por intermédio de instrumentos próprios, o rap propõe uma manifestação muito mais "política", dotado de toda a liberdade criativa que o gênero musical permite. Cumpre destacar, porém, que isso não é um demérito do rap em detrimento do esforço científico da sociologia. Temos diferentes modos de apreensão do social e que servem a propósitos distintos. Aliás, muitas análises sociológicas têm bebido da fonte do rap e mobilizado essas canções como um material de pesquisa para suas investigações.

Acima, pudemos discutir as bases da produção do conhecimento em ciências sociais (Weber, 2001; Mills, 1982; Durkheim, 2007). De toda forma, a perspectiva durkheimiana apresentada, conquanto clássica e fundamental, tem esbarrado em críticas no contexto dos debates teóricos, filosóficos e epistemológicos do pensamento social contemporâneo. Bruno Latour (2000), eminente pensador francês, falecido em 2021 e que é referência paradigmática nos estudos da ciência, escreveu, na virada do século, artigo intitulado "*When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences*" – que, em tradução livre, seria "Quando as coisas contra-atacam: uma contribuição possível dos 'science studies' para as ciências sociais". Neste artigo, Latour (2000) delineia uma interessante crítica a certa concepção de sociedade inscrita no cânone da sociologia e do pensamento durkheimiano. Por isso

mesmo, no fim do primeiro módulo do repertório didático, adicionamos uma caixa de texto sobre a crítica latouriana acerca de concepções 'essencializantes' de sociedade e do social. Isso foi feito não para que Latour seja profundamente discutido e incorporado no conteúdo programático - até porque isso complicaria excessivamente os trabalhos -, mas para estimular a curiosidade dos alunos e mostrar-lhes que o debate teórico sobre questões tão fundamentais quanto "o que é ciência?", "o que é sociedade?" e "o que é uma ciência social?" continua vivo contemporaneamente. Assim, para que seja possível estimular essa curiosidade, vale a pena discutirmos aqui pontos salientes da reflexão de Latour (2000). Quando falamos em ciências sociais, o que é que está em jogo ao dizermos 'ciência' e 'social' e ao combinarmos essas noções? É isso que está no cerne da discussão de Latour (2000), e o autor nos diz que, no contexto do debate contemporâneo, podemos ver a derrocada da "sociedade" como um princípio englobante de explicação causal dos fenômenos. Retomando os fundamentos da explicação sociológica, Latour (2000, p. 109) indica que, no começo da história da sociologia, a religião era explicada sociologicamente de tal forma que:

Naquele tempo, os sociólogos convenceram-se facilmente de que para explicar os rituais, as crenças, as aparições ou os milagres – ou seja, objetos transcendentais aos quais os atores atribuem a origem de uma ação –, era perfeitamente possível (mesmo que nem sempre simples) substituir o conteúdo desses objetos pelas funções da sociedade que eles escondiam e personificavam. Esses tipos de objetos chamavam-se fetiches, ou seja, substitutos para outra coisa (...). Feita a substituição dos falsos objetos das crenças pelos verdadeiros objetos da sociedade, não há mais nada a compreender na religião para além do poder da sociedade que ela tão eficazmente esconde e exprime. (trad. nossa).

A crítica latouriana a essa forma de produzir conhecimento bebe da fonte de Gabriel Tarde, que disputou intelectualmente com Durkheim nos primórdios da constituição da sociologia enquanto disciplina, e pode ser resumida da seguinte forma: "a sociedade nada explica, mas é ela que deve ser explicada" (LATOUR, 2000, p. 113, trad. nossa). É justamente por isso que Latour (2000) opta pela noção de rede, porque entende o social não como uma substância, nem como uma esfera da realidade, mas como uma amarra, uma tradução de conjuntos e entidades heterogêneas.

Aprofundamentos teóricos do Módulo 2

Para compreender a produção do conhecimento nas ciências sociais, é preciso tratar da questão dos métodos e técnicas de pesquisa. Para tanto, o “Dicionário de Sociologia” de Allan Johnson (1997) é uma fonte muito útil para abordar diferentes conceitos e temas das ciências sociais, inclusive a questão dos métodos e técnicas. Como bem se sabe, na esfera das ciências sociais, a utilização de métodos quantitativos e qualitativos é de extrema relevância para a compreensão dos fenômenos sociais complexos sob investigação. Os métodos quantitativos nas ciências sociais envolvem a produção de dados numéricos e sua análise estatística. Eles se baseiam em amostras representativas e permitem generalizações para grandes populações. Já os métodos qualitativos são direcionados à compreensão aprofundada dos significados, percepções e processos sociais subjacentes - e tais métodos estão baseados na produção de dados que não podem ser sintetizados em quantidades. Apesar das distinções entre essas duas famílias de métodos e técnicas, há também complementaridade entre elas no que se refere à possibilidade de oferecerem entendimentos e descobertas fundamentais para a pesquisa social - e, contemporaneamente, fala-se cada vez mais na questão das pesquisas de métodos mistos, que podem ser entendidas como “um procedimento de coleta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo desenho de pesquisa. O pressuposto central que justifica a abordagem multimétodo é o de que a interação entre eles fornece melhores possibilidades analíticas” (PARANHOS et al, 2016, p. 391). Retomando Allan Johnson (1997), podemos encontrar em seu “Dicionário de Sociologia” verbetes pertinentes a uma variedade de técnicas de pesquisa. Abaixo, partindo de excertos do autor, focalizamos duas técnicas que sejam representativas das duas famílias indicadas acima.

No que diz respeito à abordagem quantitativa, pensar o lugar da análise de regressão na pesquisa social é uma forma interessante de discutir como o raciocínio estatístico-matemático pode ser útil para produzir conhecimento sobre a sociedade. No módulo 2, é possível encontrar um exercício lúdico no qual o/a estudante é convidado/a a adentrar um cenário hipotético de pesquisa, a fim de ganhar maior familiaridade com

a análise de regressão; isso, evidentemente, em um nível bastante inicial. Com isso em mente, Allan Johnson (1997, p. 12) nos diz que a análise de regressão:

é uma técnica estatística para descrever e analisar relações entre uma VARIÁVEL dependente e uma ou, com a regressão múltipla, duas ou mais variáveis independentes. A fim de usar a análise de regressão, as variáveis devem estar na escala razão ou na escala intervalo, o que significa que devem assumir naturalmente a forma de números (tais como renda ou idade). Uma exceção à essa regra é qualquer variável que assuma a forma de uma DICOTOMIA, tal como sexo, ou uma variável de multicategoria, como educação, que se reduz a duas categorias tais como "menos que estudo universitário" ou "algum ou mais do que estudo universitário".

Em outras palavras, tal técnica permite descrever e analisar o grau de associação entre uma variável dependente e uma ou mais variáveis independentes. Assim, uma das principais vantagens da análise de regressão é sua capacidade de quantificar o impacto das variáveis independentes na variável dependente. Isso é especialmente útil quando se busca entender o efeito de diferentes fatores sobre um determinado fenômeno social. Por exemplo, em pesquisas sobre desigualdade socioeconômica, ao examinar o nível de renda como variável dependente, pode-se utilizar variáveis independentes como nível de educação, idade e experiência profissional para determinar quão correlacionadas estão essas variáveis com a variável nível de renda. No exercício 1 do módulo 2, por exemplo, criamos um cenário hipotético em que a variável dependente é o número de livros lidos por ano, e as variáveis independentes a serem testadas pelos alunos são idade e número de anos de educação formal.

De toda sorte, existem algumas restrições e considerações importantes a serem feitas ao aplicar a análise de regressão. Primeiramente, é fundamental garantir que as variáveis estejam corretamente definidas e mensuradas. Como mencionado no excerto de Allan Johnson, a escala razão ou intervalar é apropriada para aplicar a análise de regressão. Isso significa que as variáveis devem ser quantificáveis, expressas em números, como renda, idade ou número de anos de educação. Exceção a isso são as variáveis dicotômicas, que assumem apenas dois valores possíveis, como masculino ou feminino, podendo tais variáveis serem incluídas na análise de regressão, conquanto estejam codificadas corretamente.

Em geral, é essencial compreender as limitações e os pressupostos envolvidos na análise de regressão. Embora seja uma técnica poderosa para explorar as relações entre variáveis sociais, a interpretação dos resultados requer cautela. Além disso, é importante considerar outros métodos de pesquisa, como abordagens qualitativas, para obter uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos fenômenos sociais em questão - tal como mencionado anteriormente a respeito dos métodos mistos (PARANHOS et al, 2016).

Em se tratando da família de métodos e técnicas qualitativas, a observação participante – pedra angular do método etnográfico antropológico – é bastante representativa dessa maneira de abordar os fenômenos sociais. Por conta disso, no exercício 2 do módulo 2, os/as estudantes são convidados a esboçar um relato etnográfico a partir de uma experiência pessoal marcante e que contenha algum elemento de estranhamento e/ou alteridade, isto é, alguma experiência que se permita ser elaborada pelo/a estudante na direção de um relato etnográfico, pensado, principalmente, como a descrição de um encontro com a diferença, com o novo, com o insólito, com o inusual. É claro que é possível relatar etnograficamente experiências familiares e cotidianas, mas esses tipos de relato costumam exigir maior domínio e compreensão do fazer etnográfico, a fim de possibilitar o devido estranhamento daquilo que é familiar. O objetivo do exercício proposto no módulo 2, é preciso dizer, não é que os/as estudantes produzam relatos etnograficamente válidos e perfeitos, mas que eles possam entrar em contato, de forma bastante ampla, com noções importantes da escrita etnográfica. Com isso em mente, a respeito da técnica da observação participante, Allan Johnson (1997, p. 160) nos diz que ela:

é um método de pesquisa no qual o observador realmente toma parte no fenômeno social que estuda. Em um estudo clássico de hospitais de doenças mentais, por exemplo, os pesquisadores, sob falsos pretextos, conseguiram ser internados, de modo a observar como os pacientes, inclusive eles próprios, eram tratados. Os pesquisadores descobriram que logo que foram rotulados como mentalmente doentes, a equipe do hospital interpretou seu comportamento nesses termos. O fato de tomarem extensas notas, parte integral do trabalho de pesquisa, era interpretado nos registros do hospital como “comportamento de tomar notas”, acreditando-se que refletia seu estado mental patológico. // Embora a observação participante esteja mais ligada à pesquisa antropológica em sociedades tribais, ela é usada por sociólogos em uma grande variedade de ambientes, de processos relativos a grupos pequenos e instituições maiores ao estudo de interações entre homens e mulheres. A principal vantagem desse método é que permite que os pesquisadores estudem o comportamento social da maneira como ele realmente

ocorre. A principal desvantagem é que, na medida em que os pesquisadores se envolvem no que estudam, podem desenvolver interesses, fidelidades e pontos de vista que influenciam suas observações e interpretações, sem que se dêem conta disso. Dessa maneira, como acontece com muitas estratégias de pesquisa, os principais pontos fortes da observação participante são também seus pontos fracos mais claros.

Assim sendo, podemos entender que a observação participante é uma técnica na qual o/a pesquisador/a assume um papel de participação direta no fenômeno social de interesse: trata-se de um envolvimento profundo. E não é somente na antropologia que tal técnica é utilizada: cientistas sociais em diferentes campos podem empregá-la para tratar de uma ampla variedade de contextos. A observação participante mostra-se vantajosa na medida em que proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada dos contextos, situações, acontecimentos, relações e interações sociais. Todavia, essa proximidade também delinea os limites e desvantagens dessa abordagem, de tal forma que é importante considerar que os pesquisadores podem ser influenciados por seus próprios interesses, pré-suposições e pontos de vista, o que pode afetar suas observações e interpretações sem que eles estejam cientes disso.

Em síntese, partindo das discussões sobre observação participante de Johnson (1997), a observação participante permite a inserção profunda do pesquisador em determinado contexto sociocultural, em determinado grupo, para compreender e descrever com propriedade como opera e como se organiza tal grupo ou tal contexto, quais ideias e visões de mundo ali circulam, como as pessoas ali se comportam, o que fazem, o que dizem, como se relacionam umas com as outras, etc. A observação participante leva o/a pesquisador/a a lidar com os sujeitos do grupo ou do contexto que ele quer investigar e descrever com grande proximidade, pois o leva a estar com esses sujeitos, a acompanhá-los e a interagir com eles, o que possibilita a apreensão sutil, mas não sem limites – pois, por mais competente e sensível que seja o pesquisador, ele nunca será capaz de apreender a totalidade do contexto sociocultural sobre o qual está se debruçando –, de algumas dimensões simbólicas e materiais que atravessam aquela vivência social. Assim, para que se conduza uma boa observação participante, é fulcral que o pesquisador exercite constantemente aproximações e distanciamentos em

relação ao que ele pretende investigar, a fim de que não se deixe contaminar pelos preconceitos ou estranhamentos que a observação participante pode suscitar; ademais, é preciso que o pesquisador afine bem seus próprios sentidos, para que saiba ver, escutar e presenciar os acontecimentos que se desenrolam entre os sujeitos que ele quer compreender.

Aprofundamentos teóricos do Módulo 3

Para encerrar as discussões sobre produção do conhecimento nas ciências sociais, enfocamos a dimensão das trajetórias de vida: isto é, a trajetória de vida de cientistas sociais célebres. O objetivo disso é mostrar que a compreensão da produção do conhecimento não está apenas no nível das discussões teóricas, a partir de grandes nomes como Weber, Durkheim, Mills ou, mais contemporaneamente, Latour, e das discussões propriamente técnicas e metodológicas. Tal compreensão precisa também dar conta do fato de que as ciências sociais são feitas cotidianamente por seres humanos, com trajetórias de vida variadas, complexas e que delineiam as próprias condições da produção do conhecimento. Com isso em mente, selecionamos três importantes cientistas sociais (de cada uma das três grandes áreas: antropologia, sociologia e ciência política) associados com importantes conceitos propostos por tais cientistas. Tal módulo contém também o detalhamento de um projeto final, que propõe aos/às estudantes produzirem cartazes sobre cientistas sociais de sua escolha e refletirem como a produção do conhecimento se manifesta na vida da pessoa escolhida. No campo da antropologia, apresentamos Kabengele Munanga e discutimos sua conceituação de raça, racismo e etnia (cf. MUNANGA, 2003). Representando o campo da sociologia, trazemos aspectos da trajetória de Maria Stela Grossi, bem como uma discussão sobre seu conceito de representação social da violência (cf. GROSSI, 2015). Por fim, para o campo da Ciência Política, apresentamos Paulo Sérgio Pinheiro e discutimos o conceito de autoritarismo socialmente implantado (cf. ALVAREZ et al, 2021). Para que seja possível conduzir discussões frutíferas sobre tais cientistas sociais e seus conceitos, é importante atentar tanto para as questões biográficas quanto para as

questões teórico-conceituais, por isso mesmo, é possível encontrar delineados no repertório didático ambas dimensões.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, Marcos et al. Revisitando a noção de autoritarismo socialmente implantado: Entrevista com Paulo Sérgio Pinheiro. *Tempo Social*, São Paulo, v. 33, n. 3, 2021.

<http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.187081>

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GROSSI, Maria Stela. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. *Sociedade & Estado*, v. 30, n. 1, 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922015000100003>

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 2003.

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

LATOUR, Bruno. When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences. *British Journal of Sociology*, Londres, v. 51, n. 1, 2000.

<https://dx.doi.org/10.1111/j.1468-4446.2000.00107.x>

PARANHOS, Ranulfo et al. Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 42, 2016.

<http://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004221>

WEBER, Max. O sentido da 'neutralidade axiológica' nas ciências sociais e econômicas. In: *Metodologia das ciências sociais (parte 2)*. São Paulo: Cortez, 2001.